

A prece como elemento de delimitação da espacialidade religiosa afro-brasileira junto ao meio ambiente natural

Carlos José Saldanha Machado*
Ramon Fiori Fernandes Sobreira**

Resumo

O presente artigo – parte de uma pesquisa em curso no programa de Doutorado em Meio Ambiente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – tem por objetivo estabelecer uma relação entre prece e espacialidade religiosa afro-brasileira (que tem seu *locus* privilegiado junto ao meio ambiente natural) a partir de alguns conceitos básicos hauridos do pensamento de Marcel Mauss. A metodologia contemplou um estudo comparativo entre sistemas simbólicos religiosos greco-romanos (com base na obra clássica *A Cidade Antiga*, de Fustel de Coulanges) e afro-brasileiros. Apontaremos importantes semelhanças entre ambos os sistemas, para compreendermos como se distanciam, apenas no que tange à espacialidade. Nossa hipótese é de que as preces criam um sistema imagético que remete a uma determinada espacialidade, como apoio à eficácia do suplicante, o que definirá a necessidade dos rituais afro-brasileiros junto ao meio ambiente natural.

Palavras-chave: Práticas religiosas afro-brasileiras; construção social do meio ambiente; espacialidade religiosa.

* Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1985), mestrado em ciências da engenharia de produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992) e doutorado em Antropologia Social pela Université Paris V Sciences Sociales Sorbonne (1998). Atualmente, é Pesquisador em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)/Ministério da Saúde e Professor dos Programas de Pós-Graduação em Biodiversidade e Saúde (PPGBS-IOC) e Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS-ICICT) da Fiocruz e em Meio Ambiente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPG-MA/UERJ). E-mail: saldanhamachado@gmail.com .

** Possui graduação em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1985) e em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1983). É mestre em Criminologia, pela Universidade Cândido Mendes (2002), especialista em Administração do Poder Judiciário pela Fundação Getúlio Vargas (2009) e doutorando em Meio Ambiente pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É professor universitário de disciplinas jurídicas no Centro Universitário Celso Lisboa e nas Faculdades Pestalozzi. E-mail: wowbetcha@terra.com.br .

Prayer as an element of African-Brazilian religious spatiality delimitation in natural environment

Abstract

This paper – part of a research which one is being developed at the Environment Doctorate Program at Rio de Janeiro State University – aims to establish a close relation between prayers and the afro-Brazilian religions spatiality (which rituals are mostly done by or within the natural environment), taking as a start-point some basic concepts taken from Marcel Mauss' work. The methodology has been built upon a comparative study between symbolic systems in ancient Greece and Rome (based on Fustel de Coulanges', *The Ancient City*) and afro-Brazilian's ones. We shall point out as both systems are similar, in order to understand as they differs only according to their spatiality. Our hypothesis is that prayers, as a support to the efficacy intended by the supplicant, are able to create imaginary systems which one leads to a certain spatiality, which will explain the need that afro-Brazilian rituals take place by the nature.

Keywords: Afro-Brazilian religions practices; social construction of the environment; religious spatiality.

La súplica como elemento de delimitación de la espacialidad religiosa afro-brasileña junto al medio ambiente natural

Resumen

El presente artículo – que hace parte de una investigación en curso, en el programa de Doctorado en Medio Ambiente de la Universidad del Estado de Rio de Janeiro – tiene como objetivo establecer una relación entre plegaria y espacialidad religiosa afro-brasileña (la cual tiene su *locus* privilegiado junto al medio ambiente natural) a partir de algunos conceptos básicos extraídos del pensamiento de Marcel Mauss. La metodología contempló un estudio comparativo entre sistemas simbólicos religiosos greco-romanos (con base en la obra clásica *La Ciudad Antigua*, de Fustel de Coulanges) y afro-brasileños. Señalaremos importantes semejanzas entre ambos sistemas con el propósito de comprender como se distancian, apenas, en lo referente a la espacialidad. Nuestra hipótesis es que las plegarias crean un sistema imagético que remite a una determinada espacialidad como apoyo a la eficacia de quien realiza la plegaria, lo que definirá la necesidad de que los rituales afro-brasileños sean realizados en medio del medio ambiente natural.

Palabras clave: Prácticas religiosas afro-brasileñas; construcción social del medio ambiente; espacialidad religiosa.

Introdução: a prece como parte do ritual

Nesta seção introdutória, partiremos dos conceitos de Marcel Mauss para estabelecermos, de forma concisa, a necessidade do vínculo entre prece (conteúdo) e cenário (forma) nos rituais, para garantir a eficácia dos mesmos no meio social, esclarecendo que “cenário” é uma categorização que propomos, a partir do fato social “ritual”.

Para Marcel Mauss (2002, p. 40), a prece é parte integrante de um ritual. Nessa linha de raciocínio, como se depreende de Mauss, o ritual é o todo, e a prece é parte desse todo. Partindo dessa relação todo-parte, e com apoio na definição de Tambiah (apud PEIRANO, 2000, p. 12), de que rituais são sistemas de comunicação simbólicos compostos por “palavras e atos”, convencionaremos, para efeito do presente estudo, que a prece é o conteúdo do ritual (como o texto de um poema lhe é o conteúdo), e que a composição de diversos outros elementos dá a “forma” deste ritual. Referiremo-nos a esta “forma”, no presente trabalho, como “cenário ritualístico” ou, simplesmente, “cenário”.

Graficamente, essa formulação pode ser representada como se o ritual fosse certa figura geométrica (um retângulo, por exemplo), dividido em duas áreas iguais: conteúdo (palavras) e forma ou cenário (atos). O conteúdo do ritual será sempre a prece (as palavras), que também pode assumir a forma cantada; e seu cenário será sempre o modo como a prece se externaliza: o local, os paramentos usados e os demais elementos ritualísticos (altares, velas, imagens etc.).

RITUAL

CONTEÚDO (PALAVRAS)	FORMA/CENÁRIO (ATOS)
---------------------	----------------------

Figura 1 – Representação gráfica das partes de um ritual

Segundo Peirano (2000, p. 12), o vínculo entre conteúdo e forma garantiria a eficácia simbólico-comunicativa do ritual, sendo que eficácia, neste caso, tem o sentido que o próprio Marcel Mauss lhe emprestou: o de um atributo que garante a reprodução e a permanência sociais do ritual e de seu significado (PEIRANO, 2000, p. 8).

Nestas considerações iniciais releva assinalar que, para efeitos de nossa hipótese de trabalho, só conceberemos prece enquanto verbalização. Ainda que, silenciosa – “Même [...] qu’aucune parole n’est prononcée” (MAUSS, 2002, p. 40) –, a prece pressupõe um texto (padronizado ou improvisado) e frases com maior ou menor grau de articulação entre si. O próprio Mauss (2002, p. 40) leciona que a prece implica em um esforço físico e moral, uma dispensa de energia em vista de se atingir certos resultados. Portanto, a prece adquire existência pela palavra, como se depreende de Mauss (2002, p. 22).

Em sua origem, a prece não era elaborada, correspondendo a “fórmulas breves e esparsas” (MAUSS, 2002, p. 7). Posteriormente, refinou-se e invadiu o sistema de ritos. Mauss concebia que os rituais podiam ter um

sentido eminentemente religioso (de religação com um ser divino) ou mágico (como aqueles que, por exemplo, tinham a finalidade de pedir aos deuses ou a um deus para que chovesse). Enquanto o sentido mágico aparecia em muitas crenças antigas, a dimensão religiosa é característica, por exemplo, do protestantismo (MAUSS, 2002, p. 7).

A prece e o cenário na religião greco-romana antiga

Nesta seção, iremos descrever os rituais (preces e cenários) das antigas crenças greco-romanas, com base no livro primeiro da obra *A Cidade Antiga*, de autoria de Fustel de Coulanges, verificando de que forma as preces e cenários formataram uma espacialidade religiosa.

Fustel de Coulanges (1830-1889), historiador francês, em sua obra *La Cité Antique* (A Cidade Antiga), de 1864, descreve os rituais adotados na civilização greco-romana, especialmente os devotados aos mortos. Passamos a retirar dos registros de Fustel os elementos que servirão de base à finalidade deste artigo.

Fustel ensina que na Antiguidade greco-romana havia a tradição de se enterrar os mortos, para garantir a paz da pessoa morta. Nas cerimônias religiosas, algumas fórmulas ficaram consagradas como a frase “encerramos a alma no túmulo”, chamar três vezes o nome do morto, seguindo-se a frase “passe bem”, além da sentença “que a terra te seja leve” (COULANGES, 2005, p. 14). Como se vê, estamos diante das fórmulas “breves e esparsas” referidas por Mauss, típicas dos “primórdios” da prece.

Contudo, essas preces tinham como cenário ou forma obrigatoriamente um sistema ritual já rico em detalhes. No túmulo eram deixadas oferendas, como comida e bebidas (vinho) para saciar a fome e a sede da alma; além disso, animais que haviam servido ao morto em vida eram sacrificados e enterrados junto ao antigo dono, como forma de garantir que continuassem a servi-lo, além da oferenda do sangue (COULANGES, 2005, p. 15). Plantas e flores eram depositadas sobre o túmulo, e doces e frutas (acondicionados em vasos) eram ofertados ao morto para suprir-lhe as necessidades. Neste momento, da oferenda de doces, frutas, bebidas, o conteúdo do ritual (a prece) ressurgiu, pois eram pronunciadas certas fórmulas consagradas (diríamos, padronizadas), convidando os mortos a comer e a beber.

Os parentes do morto eram os únicos admitidos aos ritos (COULANGES, 2005, p. 37), porém, não poderiam tocar nas oferendas (COULANGES, 2005, p. 19). Em outra passagem, Fustel de Coulanges relata que também perfumes eram usados nas oferendas (2005, p. 20). Relembra sublinhar que na tradição greco-romana, os mortos eram considerados como entes sagrados, divindades ou deuses (COULANGES, 2005, p. 21). Ou seja, embora tendo

habitado a Terra, perdem a condição humana ao morrer, e se divinizam. Uma prece consagrada, diante de um túmulo qualquer, era “Tu, que és um deus sob a terra, sê-me propício” (COULANGES, 2005, p. 25).

Havia também rituais feitos dentro da casa, perante um altar (“Toda casa de grego ou romano abrigava um altar”), necessariamente com fogo, cinza e brasas (COULANGES, 2005, p. 26). O fogo era obtido, segundo Fustel, da madeira de certas árvores consideradas nobres, de pedras e de metais (COULANGES, 2005, p. 27). Flores, frutos e vinho eram ofertados ao fogo, considerado um deus. Este também era um cenário complementado por “preces fervorosas” e mais bem elaboradas, pedindo saúde, riqueza e felicidade aos membros da família (COULANGES, 2005, p. 28): “Torna-nos ricos e prósperos, torna-nos também sábios e castos”, recitava uma dessas preces cantadas (COULANGES, 2005, p. 33).

Pela tradição, realizavam-se preces antes e depois das refeições, agradecendo-se ao fogo que permitia o cozimento, além de serem depositados no altar parte dos alimentos (2005, p. 30), também como forma de aplinar a fome e a sede dos deuses. Percebem-se, nessas preces das crenças greco-romanas, as duas dimensões evidenciadas por Mauss: religiosa (quando agradecem pela comida e ofertam parte dela ao ente divino) e mágica (quando, por exemplo, clamam por prosperidade).

O fogo do lar tinha um sentido que transcendia a condição meramente material do fogo (elemento físico que aquece, ilumina e funde metais): o fogo do lar só pode ser aceso e mantido mediante certos ritos e certas preces, sendo, pois, um ser moral, dotado de consciência (2005, p. 33-34). Esse aspecto fetichista, que extrapola o funcionalismo dos objetos, é típico das religiões e crenças antigas. Jean Braudillard crê que nas sociedades modernas deu-se uma ruptura entre as pessoas e os objetos, de forma que estes ficaram relegados a um papel meramente funcional (MACHADO, 2004). Fustel demonstra que o papel do fogo do lar não era apenas funcional. Tanto ele não servia para iluminar, por exemplo, que certos atos não eram permitidos diante do altar (COULANGES, 2005, p. 34).

Como se vê, prece e cenário não se dissociavam, concorrendo igualmente para a eficácia do ritual: a prece, convidando os mortos a se alimentarem ou beberem, seria ineficaz sem que, concretamente, bebidas e comida lhe fossem oferecidas. Prece e cenário se complementam. E eram determinantes de toda uma dinâmica espacial e temporal: os túmulos e altares ficavam dentro das casas e havia datas específicas para a realização das oferendas (COULANGES, 2005, p. 39).

Isso conferia à religião um caráter e uma espacialidade domésticos, a casa surgindo como *locus* religioso. Junto aos túmulos, gregos e romanos

mantinham “cozinhas” especialmente para preparar as comidas das oferendas (COULANGES, 2005, p. 20). Era uma religião praticada no interior de cada casa (COULANGES, 2005, p. 40).

O fato de ser uma religião doméstica, na dicção do próprio Fustel de Coulanges, fazia com que não houvesse regras, nem ritual comum, especialmente na adoração do fogo do lar, com preces e hinos próprios de cada família (COULANGES, 2005, p. 41); muito embora, como já o dissemos, houvesse fórmulas consagradas para as preces, principalmente no que tange aos rituais fúnebres.

Disso resultava que a ritualística era um patrimônio de cada casa, de cada família, a despeito das coincidências assinaladas por Fustel. O sacerdote desses ritos e porta-voz das preces era, invariavelmente, o varão, o homem da família, o pai (COULANGES, 2005, p. 43). A eficácia dessas crenças e ritos, no sentido emprestado por Marcel Mauss (2002, p. 22, 37) fica comprovada pela sua permanência. Segundo Fustel de Coulanges (2005, p. 36), essas crenças enraizaram-se de tal forma no psiquismo da raça ariana que somente o Cristianismo, muitos séculos depois, foi capaz de desenraizá-las.

De todos os registros feitos, emergem elementos tangíveis (concretos) e elementos intangíveis (ímateriais) da forma (ou do cenário) do ritual greco-romano aos mortos e ao fogo do lar. Dividimos estes elementos em dois quadros (elementos tangíveis e intangíveis), consoante as representações gráficas seguintes, destacando o caráter ou dimensão das preces, em quadro próprio:

CENÁRIO DOS RITUAIS GRECO-ROMANOS (ELEMENTOS TANGÍVEIS)
Oferenda de comidas
Oferenda de bebidas
Sacrifício de animais
Oferenda de flores
Oferenda de doces
Oferenda de frutas
Oferenda de perfumes
Vasos
<i>Locus</i> : a casa
Cozinhas para preparar comidas para as oferendas

Figura 2 – Tabela de elementos tangíveis dos rituais greco-romanos

CENÁRIO DOS RITUAIS GRECO-ROMANOS (ELEMENTOS INTANGÍVEIS)
Admissibilidade exclusiva de parentes
Proibição de tocar nas oferendas
Deificação dos destinatários das preces
Sentido extrafuncional (em relação ao fogo)
Condução pelo pai da família

Figura 3 – Tabela de elementos intangíveis dos rituais greco-romanos

DIMENSÕES DAS PRECES GRECO-ROMANAS
Religiosas
Mágicas ou mágísticas

Figura 4 – Tabela de características das preces greco-romanas

Coulanges (2005, p. 21) registra que para seus contemporâneos (século XIX) tais crenças se apresentam como “falsas e ridículas”, pois já haviam sido abandonadas na Europa, persistindo, porém, na Índia, onde o ritual era idêntico ao da Grécia e Roma (2005, p. 23), até porque houve um berço comum, na Ásia Central, destes povos (2005, p. 32). Mas o historiador francês também registra semelhantes cultos na África (2005, p. 40).

A prece e o cenário nas religiões afro-brasileiras contemporâneas

Nesta seção iremos descrever os rituais (preces e cenários) das religiões afro-brasileiras contemporâneas, com base em referências bibliográficas pertinentes, verificando de que forma as preces e cenários formataram uma espacialidade religiosa. Deve-se esclarecer que, dentre as diversas religiões de matrizes africanas existentes no Brasil, optamos em descrever os rituais daquelas mais praticadas na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro: a umbanda e o candomblé (SOBREIRA; MACHADO, 2008, p. 74).

Na tradição afro-brasileira, as preces e cenários compõem rituais especialmente voltados para as divindades conhecidas como orixás, que são intermediários entre “o deus supremo e o mundo terrestre”, com ascendência sobre forças da natureza, possuindo atributos e paixões humanos, havendo mesmo pesquisadores que crêem que os orixás foram pessoas respeitadas em suas comunidades iorubanas na África, localizadas, principalmente, na atual Nigéria, não obstante o antropólogo Leo Frobenius admitir que a religião iorubana tenha se originado na antiga Pérsia (BUONFIGLIO, 1995, p. 22-23). Portanto, são preces e cenários postos para entidades deificadas. Mas também há preces e cenários fúnebres, oficiado, o ritual, por um pai-de-santo (babalaô) (SANTANA, 2004, p. 97).

Os rituais para os orixás têm como *locus* os chamados pontos de força da natureza, ou seja, os locais em que os orixás habitam e regem (SARACENI, 2007, p. 216). O culto na natureza é, para o teólogo umbandista, uma necessidade que, no entanto, encontra-se ameaçada pela destruição do meio ambiente, que terá como corolário, caso não seja controlada, a destruição dos pontos de força, ou seja, dos locais de culto dos umbandistas (SARACENI, 2007, p. 217). Esses pontos de força, que Saraceni (2007, p. 221) categoriza como “altares” estão localizados em santuários naturais, associados a orixás que regem os elementos naturais, conforme o quadro exemplificativo a seguir:

ORIXÁ	SANTUÁRIO	ALTAR
Xangô	Montanha	Pedra-mesa
Oxum	Rio	Cachoeira
Iemanjá	Mar	Praia
Oxossi	Matas	Bosque

Figura 5 – Tabela de associação entre Orixás, santuários e altar

Uma vez que os altares são os locais destinados às práticas religiosas (SARACENI, 2007, p. 221), como as oferendas para as divindades, conclui-se que a natureza está incorporada ao cenário do sistema de ritos afro-brasileiros, constituindo seu *locus* por excelência. Conforme Saraceni (2007, p. 221), este é um traço marcante da umbanda: o fato de ser uma religião da natureza.

Além de ter a natureza como *locus* predominante, as práticas rituais de umbanda e de candomblé também podem acontecer, em certos casos, dentro dos templos ou terreiros, conhecidos como “casa de santo”. As casas de santo são organizadas, como o nome sugere, como se fosse uma casa que abriga uma estrutura familiar, de onde emerge a nomenclatura que remete à organização familiar na hierarquia templária: “pai de santo” (que é o sacerdote, o condutor dos rituais), mãe de santo, filhos etc. (BARCELLOS, 2002, p. 36-37).

Só os membros dessas “famílias”, que se formam com laços espirituais, são admitidos a certos ritos. Buonfiglio (1995, p. 210), a respeito, comenta que na iniciação do candomblé “os filhos seguem a hierarquia do orixá do patriarca da família”, estando as palavras “filhos”, “patriarca” e “família” empregadas em seu sentido espiritual e não civil ou sociológico. Desse modo, as casas de santo se fundam sobre o arquétipo da estrutura familiar.

Nas casas de santo há uma cozinha, que, como aposento, possui um sentido que não deve ser confundido com o sentido usual-residencial. Somente algumas poucas mulheres (no candomblé, as “iyabassé”) é que são autorizadas a preparar, nessas cozinhas, as comidas para as divindades (BARROS, 2009, p. 139), que irão compor as oferendas.

As oferendas, bem como as preces associadas, têm ambas as dimensões detectadas por Marcel Mauss: tanto configuram atos de fé, em tributo a uma divindade (sentido religioso), como buscam auxiliar na superação de dificuldades profissionais, amorosas etc. (SARACENI, 2007, p. 218). Na língua iorubana, a prece é chamada “adúrà” e visa entrar em afinidade com o orixá (BENISTE, 2006, p. 217). Para isso se deve dizer, ao final das preces, a palavra “Asê”, que pode ser traduzida como um pedido de aprovação ao orixá daquilo que foi solicitado pelo suplicante (BENISTE, 2006, p. 217).

Os diversos objetos utilizados nas oferendas e outros rituais (taças, colares, vasos etc.) adquirem um sentido extrafuncional, devendo ser consagrados (ritualmente) para o uso religioso e, a partir de então, não mais servirem ao uso profano (SARACENI, 2007, p. 219). Neste aspecto, vale lembrar a anotação de Sobreira e Machado (2008, p. 76), de que as religiões afro-brasileiras desafiam a modernidade e devolvem – via sacralização – a muitos objetos (como cigarros e charutos) um sentido que extrapola o meramente funcional, como ocorria em sociedades antigas. Em relação ao fogo, cultuado na sociedade greco-romana, não há muitos registros de que seja sacralizado nos cultos de matriz africana no Brasil. Contudo, Verger (2002, p. 140) relata cultos a Xangô nos quais o fogo tem utilização ritual.

Os elementos tangíveis dos rituais e oferendas de umbanda e/ou do candomblé são muito diversificados. A título de exemplo, citamos, segundo Vieira: comidas (2003, p. 93), bebidas (2003, p. 401), animais (2003, p. 133), flores (2003, p. 401), frutas (2003, p. 401) e perfumes (2003, p. 401); além de doces (OMOLUBÁ, 2002, p. 76) e vasilhames de barro, conhecidos como alguidares (VIEIRA, 2003, p. 48). Insta registrar que o sacrifício de animais é tradicional no candomblé, não sendo adotado por umbandistas.

Quanto aos elementos intangíveis do cenário ritualístico afro-brasileiro, destacamos: o fato de os rituais serem realizados, em geral, por iniciados que se organizam à imagem de uma família; a deificação dos destinatários das preces e oferendas (os orixás); o sentido que muitos objetos ganham nos rituais afro-brasileiros, extrapolando sua instrumentalidade ou funcionalidade; a condução do ritual pela figura de molde patriarcal do pai de santo.

Representando, graficamente, o que foi exposto sobre cenários e preces dos rituais afro-brasileiros, temos os seguintes quadros (figuras 6, 7, e 8), nos quais serão esquematizados, respectivamente, o cenário tangível dos rituais afro-brasileiros, o cenário intangível dos mesmos rituais e as dimensões de suas preces:

CENÁRIO DOS RITUAIS AFRO-BRASILEIROS (ELEMENTOS TANGÍVEIS)
Oferenda de comidas
Oferenda de bebidas
Sacrifício de animais (no candomblé)
Oferenda de flores
Oferenda de doces
Oferenda de frutas
Oferenda de perfumes
Vasos (alguidares)
<i>Locus</i> : a natureza (predominantemente)
Cozinhas para preparar comidas para as oferendas

Figura 6 – Tabela de elementos tangíveis dos rituais afro-brasileiros

CENÁRIO DOS RITUAIS AFRO-BRASILEIROS (ELEMENTOS INTANGÍVEIS)
Admissibilidade exclusiva de parentes
Proibição de tocar nas oferendas
Deificação dos destinatários das preces
Sentido extrafuncional de elementos físicos (taças, colares, vasos etc)
Condução pelo pai (pai de santo) da “família” (da casa de santo)

Figura 7 – Tabela de elementos intangíveis dos rituais afro-brasileiros

DIMENSÕES DAS PRECES AFRO-BRASILEIRAS
Religiosas
Mágicas ou mágísticas

Figura 8 – Tabela de características das preces afro-brasileiras

A contribuição da prece para a espacialidade religiosa junto ao meio ambiente natural

Nesta seção, elaboraremos a hipótese de ser a prece um elemento que contribui para a delimitação da espacialidade religiosa junto a elementos do meio ambiente natural.

Como se infere da comparação das figuras 2/3/4, com as figuras 6/7/8, respectivamente, há intensa semelhança entre os cenários e preces da antiguidade greco-romana com os das religiões afro-brasileiras contemporâneas. Deve ser ressaltado que a diferença básica reside no *locus*: enquanto na Grécia e em Roma esses rituais (para os mortos ou para o fogo) eram feitos, exclusivamente, nas casas; nas religiões brasileiras de matriz africana eles se dão,

consagradamente, em pontos de força da natureza. Inclusive, este é um marco de distinção entre as religiões de matriz africana e outras, como catolicismo, kardecismo e igrejas reformadas, por exemplo.

Partindo desta conclusão, vamos inquirir as preces das religiões aqui confrontadas, em busca de elementos que apontem para um *locus* e para o outro.

As poucas preces da religião doméstica greco-romana recolhidas por Fustel de Coulanges são, em geral, econômicas em palavras e remetem ao núcleo familiar. Pela associação que há entre família e casa, seria natural que preces pedindo a prosperidade e a proteção da família delimitassem o espaço “casa” como *locus* privilegiado. Vejamos o seguinte exemplo, de fórmula de prece declamada perante o fogo (que os romanos chamavam de “lar”), em Coulanges (2005, p. 28): “Torna-nos sempre prósperos, sempre felizes, ó lar; ó tu que és eterno [...] recebe de bom coração as nossas oferendas, dando-nos em troca a felicidade e a saúde que é tão doce”.

Segundo o historiador francês, essa prece (ou hino) espelha a ânsia pela proteção à casa e à família (COULANGES, 2005, p. 28).

Por seu turno, há preces na umbanda e no candomblé (e mesmo na matriz iorubana destas religiões) que fazem remissão à natureza, à fauna e à flora. Vejamos o exemplo desta prece à Xangô: “Advirta seu filho/ Para que Xangô não seja acusado/ Se ele enfurecer/ Transforma uma árvore numa pessoa; Transforma um pássaro num animal” (BENISTE, 2006, p. 209). Ressaltamos, deste trecho, as referências a “árvore” e “pássaro”.

Mais evidentes são os exemplos das preces de umbanda que se seguem, todas dentro da dimensão religiosa apontada por Mauss. Aliás, optamos em trabalhar, metodologicamente, com preces religiosas, uma vez que, segundo verificamos na literatura investigada, as preces mágicas (buscando emprego, êxito nas relações amorosas etc.) têm fórmulas menos rigorosas e mais casuísticas.

Analisemos, primeiro, um trecho da prece ao orixá Nanã-Buruquê: “Mãe protetora [...] / Senhora das águas opulentas / Deusa das chuvas benévolas / [...] / Purifica com tuas forças nossa atmosfera / [...]” (SANTANA, 2004, p. 41). Nesta oração, há referências a recursos naturais (“águas”) e a fenômenos climáticos (“chuvas”), além da invocação de proteção à atmosfera.

Da prece a Oxum, filha de Iemanjá e deusa das águas doces, destacamos a seguinte passagem: “Canto sereno que assobia nos regatos / Lagos e cachoeiras... / [...] / Mãe das águas doces / [...]” (SANTANA, 2004, p. 39-40). Aqui, vemos a menção a vários recursos hídricos: regatos, lagos, cachoeiras e águas doces.

Já para Iemanjá, regente do mar, a prece registrada por Santana (2004, p. 33) contém alusões, obviamente, àquele recurso natural: “Leva para as profundezas do teu mar sagrado / Odoiá... Todas as minhas desventuras e infortúnios”.

Na oração para Xangô (SANTANA, 2004, p. 34), a água forte e límpida das cachoeiras é invocada como fator de purificação espiritual: “Kaô, meu pai, Kaô/ [...] Purifique minha alma na cachoeira”.

Estes são, apenas, alguns exemplos da constituição de preces umbandistas, atravessadas por referências a elementos do meio ambiente. A partir dos trechos supracitados, queremos estabelecer que os rituais que dão suporte a essas preces tendem a repercutir os elementos da prece. A lógica litúrgica de uma prece que contém, por exemplo, a sentença “purifique minha alma na cachoeira” remete a um ritual cujo *locus* seja, efetivamente, uma cachoeira, e não um cemitério ou uma rodovia. Portanto, certas preces de umbanda e de candomblé, por toda a sua construção imagética, delimitam sua espacialidade em pontos de força da natureza, como bem ressaltou Saraceni (aqui já referenciado).

Uma vez que a prece, conforme Mauss sentenciou, é parte do ritual, bem como o cenário que dá suporte à prece, temos uma contribuição expressiva do conteúdo ritualístico para a determinação do seu cenário. Cremos, principalmente com base em Verger, que estudou os arquétipos da mitologia africana e sua reinvenção no continente americano (principalmente no Brasil e em Cuba), que o arquétipo (perfil do orixá, obtido a partir da mitologia criacionista de cada um) estabeleça os elementos verbais integrantes da prece e que esta, por seu turno, crie ou pelo menos influencie na ambiência imagética necessária à eficácia da prece.

Conclusão

Marcel Mauss estabeleceu entre rituais e prece uma relação de todo-parte. A outra parte deste todo, com base em Tambiah, seriam os atos necessários a adornar as palavras, ou seja, uma espécie de entorno da prece a qual nos referimos, neste trabalho, como “cenário”.

Prece e cenário sempre atuaram em apoio simbólico mútuo, desde as crenças religiosas greco-romanas da antiguidade até as contemporâneas religiões brasileiras de matriz africana. Esses dois sistemas simbólicos, se comparados, expõem muita semelhança entre si, diferenciando-se no que diz respeito à espacialidade: enquanto as crenças greco-romanas tinham a casa como *locus* privilegiado, as religiões afro-brasileiras buscam seu altar em pontos de força da natureza.

Uma hipótese para explicar esta diferença entre simbologias tão semelhantes reside nas preces adotadas por cada um desses conjuntos de crenças. Enquanto os gregos e romanos faziam preces para ascendentes mortos e divinizados, pedindo prosperidade e proteção familiares, as crenças de matriz africana invocam forças da natureza com sentido espiritual (como as águas de

uma cachoeira, capazes de purificar). As preces, portanto, em um e outro caso, foram capazes de instituir uma projeção imagética, que reclamava ou reclama pelo apoio de cenários e lugares compatíveis com seu conteúdo: a casa (para os gregos e romanos) e a natureza (para as religiões afro-brasileiras).

Afinal, quando Mauss afirma que “*le mot est ce qu’il y a de plus formel au monde*”, permite, em sua língua pátria, uma ambiguidade com a palavra “*formel*” (formal ou preciso, em português), a partir do radical “*form*”, de “*format*” e “*forme*”: Parafraseando o sociólogo francês, e reinventando a sua sentença, diríamos que a palavra formata (dá forma) ao mundo e a prece (com suas palavras) formata o espaço.

Referências

- BARCELLOS, Mário Cesar. **Os Orixás e o segredo da vida**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- BARROS, Marcelo (Org.). **O candomblé bem explicado**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- BENISTES, José. **Òrun Àiyé: o encontro de dois mundos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- BUONFIGLIO, Mônica. **Orixás**. São Paulo: Oficina Cultural Esotérica, 1995.
- COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- MACHADO, Carlos José Saldanha. **Tecnologia, meio ambiente e sociedade: uma introdução aos modelos teóricos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.
- MAUSS, Marcel. *La prière*. Quebec: Université du Quebec, 2002. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/mauss_marcel/oeuvres_1/oeuvres_1_4/Mauss_la_priere.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2009.
- OMOLUBÁ. **Almas e Orixás na Umbanda**. São Paulo: Cristális, 2002.
- PEIRANO, Mariza G. S. **A Análise antropológica dos rituais**. Brasília, DF: UnB, 2000. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie270empdf.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2009.
- SANTANA, Ernesto. **Orações umbandistas de todos os tempos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- SARACENI, Rubens. **Doutrina e teologia de Umbanda sagrada: a religião dos mistérios, um hino de amor à vida**. São Paulo: Madras, 2007.
- SOBREIRA, Ramon Fiori Fernandes; MACHADO, Carlos José Saldanha. Práticas religiosas afro-brasileiras, marco regulatório e uso do meio ambiente e do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro. **Revista Visões Meio Ambiente**, Macaé, n. 5, p. 71, 2008.
- VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 2002.
- VIEIRA, Cláudio Ribeiro. **Manual Litúrgico da Umbanda**. Rio de Janeiro: Lerfixa, 2003.